

ESPECIAL



UM PRESENTE PARA TODA A VIDA

O esforço pessoal de uma promotora, a filosofia de trabalho de um juiz da Infância e da Juventude e o fortalecimento da rede proteção se mostram eficazes na erradicação da violência e da negligência contra crianças e adolescentes em Farroupilha

ADRIANO DUARTE (textos)
JUAN BARBOSA (fotos)

Farroupilha – Talvez na próxima década, quando as crianças de hoje passarem da adolescência à vida adulta, será possível medir os efeitos de uma revolução silenciosa que toma conta das ruas de Farroupilha. Ao mesmo tempo em que o crack dilacerá famílias inteiras, especialmente na periferia, um grupo de homens e mulheres está empenhado em resgatar meninos e meninas da pobreza, da violência e da negligéncia para alçá-los a uma nova condição. O que se faz ali não é diferente de outras cidades, mas os esforços e os resultados obtidos tornam Farroupilha um exemplo para o país.

Liderados pela promotora de Justiça Cláudia Hendl Formolo Balbinot, assistentes sociais, médicos, enfermeiras, conselheiros tutelares,

policiais e agentes comunitários de saúde firmaram um pacto para romper o ciclo perpetuado por pais drogados, violentos ou negligentes.

Amparada pela lei, a rede de proteção resgata, em um ritmo impressionante, menores em situação de risco para colocá-los para adoção. Sem essa intervenção, provavelmente, a garotada trilharia o caminho errante dos pais e avós.

Em apenas três anos, pelo menos 90 meninos e meninas foram destituídos de suas famílias biológicas e adotados por famílias sadias e estruturadas. O número é impactante para uma cidade do porte de Farroupilha, com 63 mil habitantes. O trabalho avança por conta de alguns fatores que poderiam ser copiados por cidades maiores. Esse sistema só funciona porque tanto a promotora quanto o juiz da Infância e da Juventude Mario Maggioni não se isolam

nos gabinetes. Melhor: eles incentivam e dão respaldo aos profissionais da rede. Em alguns casos, é a própria promotora que vai às ruas buscar os pequenos. Em outros, é o juiz quem deixa a folga de lado para presidir uma audiência que possa preservar

Em metade dos casos, a Justiça foi além e determinou a destituição de bebês ainda durante a gestação. Essa prática, vista como radical por alguns setores, se tornou rotineira para evitar a fuga de mães viciadas ou a morte de recém-nascidos por falta de acompanhamento médico.

A parceria entre assistência social e o poder judiciário também reduziu a fila de espera por adoção. Atualmente, em média, uma pessoa que se habilita na cidade conclui o processo em quatro meses. Em outros municípios, o trâmite pode levar mais de um ano. O grande diferencial é o estímulo para o acolhimento de crianças mais velhas, quase sempre relegadas a um segundo plano.

No Brasil, por exemplo, apenas 21 pessoas estão cadastrados para

vivem em moradias miseráveis, passavam fome ou dias seguidos sem a supervisão de adultos.

Adotar adolescentes na faixa dos 12 anos enquanto outras 9,2 mil demonstraram interesse por bebês, segundo dados do Conselho Nacional de Justiça. Ciente dessa barreira, a promotora Cláudia e assistentes da Casa Lar Padre Oscar Bertholdo, o único abrigo de Farroupilha, buscam casais interessados por meio de telefonemas e da propaganda boca a boca. Atualmente, nove crianças e adolescentes aguardam uma nova família. Em anos anteriores, esse número beirava a 30.

A grandeza desses gestos pode ser mensurada em fatos concretos. Hoje, as crianças vivem em moradias dignas, estudam em bons colégios e recebem o amor que não tiveram na família biológica. Certamente, esses pequenos retribuirão com gratidão e carinho logo ali adiante. SEGUDE

adriano.duarte@pioneiro.com
juan.barbosa@pioneerocom

“ Trabalho é fruto de um pacto feito para romper ciclo de violência e negligência

a integridade das crianças.

Um levantamento do Ministério Público (MP) indica que 90% das mães que perderam a tutela dos filhos entre 2009 e 2011 eram viciadas em crack. Invariavelmente, os filhos